

RAÍZES DE VIDA

António Bagão Félix
com Ana Paula Figueira

RAÍZES DE VIDA



C
B
E
L
L
O
A
U
T
O
R

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.
Reprodução proibida por todos e quaisquer meios.

Por vontade expressa dos autores, a presente edição não segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

© 2019, António Bagão Félix e Ana Paula Figueira

Direitos para esta edição:

Clube do Autor, S. A.

Avenida António Augusto de Aguiar, 108 – 6.º

1050-019 Lisboa, Portugal

Tel. 21 414 93 00 / Fax: 21 414 17 21

info@clubedoautor.pt

Título: *Raízes de Vida*

Autor: António Bagão Félix com Ana Paula Figueira

Revisão: Silvina de Sousa

Paginação: Gráfica 99

em caracteres Revival

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda. (Portugal)

ISBN: 978-989-724-475-9

Depósito legal: 453 315/19

1.ª edição: Abril, 2019

www.clubedoautor.pt

*Em todas as estações do ano.
Para a Romi, Catarina, Inês, Joana, Rita, Sofia
e a caçulinha Maria.*

ANTÓNIO BAGÃO FÉLIX

Para ti, meu pai.

ANA PAULA FIGUEIRA

ÍNDICE

Prólogo	13
---------------	----

RAÍZES

O que nos vincula

Amor	19
Desejo	23
Esperança	29
Ética	35
Fortaleza	41
Medo	45
Sonho	49

CAULE

O que nos sustenta

Amizade	55
Coerência	59
Constância	65
Lealdade	71

Prudência	77
Solidariedade	83
Temperança	89

RAMOS

O que nos envolve

Aparência	95
Contradição	99
Diversidade	105
Ócio	109
Saudade	113
Silêncio	117
Tolerância	123

FOLHAS

O que nos renova

Ambição	129
Audácia	133
Clareza	137
Exactidão	145
Harmonia	151
Humor	155
Sensatez	161

FLORES

O que nos seduz

Busca	167
Fantasia	173

RAÍZES DE VIDA

Inocência	179
Loucura	183
Mansidão	189
Pecado	195
Prazer	199

FRUTOS O que nos une

Doçura	205
Fidelidade	209
Gratidão	213
Liberdade	217
Paz	221
Plenitude	225
Tradição	229

PRÓLOGO

*Eu sou um homem de impressões digitais, das
mãos aos pés.*

*O sulco do arado é tão impressionante para mim
como o traço da caneta.*

*Leio tanto numa lavrada alentejana como num
livro.*

(MIGUEL TORGA, *DIÁRIO*, VOL. XII)

No princípio deste livro havia tão-só a palavra à procura de vez. Tal como há apenas a minúscula semente à espera de momento, na génese da frondosa árvore ou da mais incógnita planta. Vida, em ambos os casos. No seu início ou por causa da sua natureza finita.

Raízes de Vida é um conjunto de reflexões à volta da vida: valores, princípios, atitudes, sentimentos. Para esta viagem escolheu-se um caminho, não o das pedras, mas o da botânica, que, não por acaso, faz parte do meu próprio caminho: o da sintonia entre a cidade dos homens e a aldeia do campo,

o da ligação entre a natureza antropológica e a antropologia da natureza.

Num roteiro sempre inacabado que se exprimiu em quarenta e dois textos de enamoramento entre mim e a botânica. Na ligação homem-natureza, como se a própria natureza desse resposta às maiores inquietações do homem. Uma vez, em forma de pequenas histórias; outras, invocando tradições e devaneios; outras ainda, formulando suposições ou exprimindo aspirações.

Uma viagem com seis capítulos que foram buscar os nomes à anatomia de uma árvore: raízes, caule, ramos, folhas, flores, frutos (pedindo indulgência aos puristas botânicos, pois que, em boa verdade, os ramos são parte do caule). Raízes, significando o que nos vincula. Caule, o que nos sustenta. Ramos, o que nos envolve. Folhas, o que nos renova. Flores, o que nos seduz. Frutos, o que nos une. Em suma, unindo a vida da árvore à árvore da vida.

Para cada um destes seis capítulos foram escolhidos sete temas na terra da imensidão quase infinita que havia à porta do livro. Exprimindo exigências civilizacionais, valores morais, regras éticas, princípios sociais, conceitos relacionais, atitudes e saberes vivenciais, razão prática.

Tal como na estrutura da árvore, a fronteira entre os capítulos é ténue, subtil, prenhe de uma subjectividade apelativa, pois não há respostas inequívocas neste jogo, quase lúdico e cúmplice, de palavras cruzadas.

Não admira, pois, que, espreitando o índice, o leitor pergunte então: porquê o *desejo* no capítulo das raízes e não

no das flores? Porquê o *ócio* no capítulo dos ramos e não no dos frutos? Porquê o *humor* no capítulo das folhas e não no do caule? E assim por diante.

Os textos são propositadamente curtos para suster o risco de serem ambiciosos em demasia e para poderem resfolgar na liberdade da sua interpretação. Às vezes com raiz descar-nada, outras vezes com frutos apetecíveis.

Conheci a Ana Paula por um daqueles bons acasos em que a vida é pródiga. Há alguns anos, pediu-me, por «via electrónica», que lhe apresentasse um dos seus livros para os leitores mais novos, *Sem Óculos Cor-de-Rosa*, que assim foi uma espécie de intermediação para uma boa amizade.

Na génese e gestação de *Raízes de Vida* estiveram também reflexões suas, que, no livro, soube exprimir através de sínteses de um pensamento com sensibilidade criativa, densidade humana e feminina, inteligência emocional. Assim, se chegou, por vias diferentes, a uma soma de dois testemunhos, a uma pequena colectânea de vida de duas gerações, a questionamentos sem a sofreguidão da resposta, a epifanias de coisas por descobrir, a formas, quiçá utópicas, de valorizar a essência do simples.

Em prosa, por vezes, poética e em quase poesia dita em prosa.

Sendo um livro que pediu à botânica a sua colaboração, o tempo da sua escrita atravessou todas as *estações do ano* de

um ano. Colhendo as cores do Outono para a paleta da sintaxe. Recolhendo a austeridade do Inverno para o metrônomo do compasso da retórica. Acolhendo a sinfonia da Primavera para a fertilidade da semântica. Escolhendo a maturidade do forno do Estio para o desfolhar do léxico. Entre laranjas silvestres, especiarias ardentes, corolas de girassol, espigas de milho, botões de camélia e fragrâncias de rosmaninho. Entre a respiração e a fotossíntese. Entre a madrugada cedo e a noite serôdia. Num jogo de cumplicidade entre a palavra «botanizada» e a botânica apalavrada, entre um herbário de palavras e um glossário de plantas.

António Bagão Félix
Em Lisboa, no mês de Fevereiro de 2019

RAÍZES

O que nos vincula



AMOR

A medida do amor é amar sem medida.

SANTO AGOSTINHO (354-430)

Amor dito em anagramas.

Romã de amor. Vestida com um til. Com as suas seiscentas e treze sementes em amor envoltas.

Entre o amor e a romã: o ramo, anagrama dele e dela.

O ramo que mora no amor, agora trajado com um *a* de amora.

Amora: amor em feminino. Terno e tenro, doce e cedo, em casais de anagramas.

Romã e amora, também juntas. Em pares de anagramas às vezes desconcertados: amigas sem magias, pólen pleno, crias com risca, frutos sem furtos.

Amor (ana)gramado? Não, antes amor (ana)fado!

Erotismo (*Eros*), amizade (*Philia*), comunhão (*Agape*) casados, mas não de anagrama sacados:

Sabor de obras, não de sobras.

Alma e saber, sem sabre e sem lama.

Sofrer sem ferros.

Sorte no resto.

Com o aroma que vem da amora.

E a Roma que há no anagrama romã. Agora, despida do til.

Ou seja, romã romana: anagrama de amor namora.

No alfa do anagrama do amor: a semente à qual não se mente. Porque é diva, anagrama de vida. Ou seja, de amor que nela mora.

Entre o alfa e o ómega do amor anagramático há arte e tear, calor e colar, canto e conta, valor e alvor.

Por fim, o ómega do anagrama do amor: temor, termo e morte.

E o til volta à romã. Mas também à mãe que a ame.

Sem demoras e sem domares as saudades desusadas.

Eternamente.